

Perder o caminho, perder a certeza, diante de tantas incertezas. Olhar para a frente, mas perdendo o sentido da direção. Por aí ... a fome, a miséria.... a negação da cidadania.

As vozes ressoaram. Algumas tiveram eco, outras não. O tempo passou, exigiu de cada um uma opção. Algumas pararam, vítimas do tempo. Os que continuaram, estão vivendo desatinos – o desemprego, a inflação, altas taxas de juros, dívida externa, além de outros.

Esses fatos, dentre tantos, mostram aspectos da crise econômica mundial, que se instalou, também, no país, com traços peculiares. A educação e a saúde, por exemplo, ainda que apareçam, mais uma vez como prioridades governamentais nesta década de 90, na prática, não manifestam a realização da sua especificidade política.

Se retrocedermos no tempo, defrontamo-nos com a história, com o registro de tantas coisas hoje, ainda mais acentuadas: a crise econômica, política e ética que marca a sociedade brasileira, de forma geral, incentivando cada vez mais o individualismo, contraponto ao social. A classe operária perde, a cada dia, o seu espaço político no contexto de uma organização política, econômica e social, em que o protagonista é o mercado. Assim, tomam mais importância os contratos temporários, a quebra dos direitos trabalhistas num total desrespeito ao trabalhador.

No campo educacional os recursos que lhe são destinados estão mais vinculados aos interesses de grupos hegemônicos e menos aos interesses dos grupos sociais majoritários, excluídos dos direitos básicos e inerentes à sua condição humana.

Nas universidades públicas, em especial, os encaminhamentos políticos tendem a acentuar um quadro de desvalorização crescente manifestado

através da redução de verbas, inclusive para pesquisa, e achatamento salarial. E perguntaríamos: por que, contraditoriamente, estão sendo postergadas as universidades, no momento em que a educação é apontada como essencial ao desenvolvimento do país?

Esta é uma questão complexa que exige de todos nós a compreensão de como funcionam as forças políticas dentro da sociedade brasileira. Sobressaem-se as políticas orientadas pelos organismos internacionais de financiamento, movendo-se o país na direção dos interesses de valorização do capital.

A cada dia, o sistema educacional é mais fragilizado. Professores e alunos perdem-se mais uma vez no começo da caminhada. Rompe-se o elo entre ambos. A greve, embora necessária, porque instrumento de conquista, cria rupturas, já não se caminha mais no mesmo sentido. O antagonismo das idéias e das lutas segue, silenciosamente, o chão da estrada rumo a algum lugar, ou a nenhum ...

As manifestações sociais são diferentes, porque diferentes são os atores e as questões sociais que os circunscrevem. No nordeste, nos tempos de seca e de fome, os saques são freqüentes, e expressam o sofrimento e a angústia diante da negação de uma condição de sobrevivência, caindo por terra os preceitos constitucionais que prescrevem a garantia de uma vida mais humana.

É nesse trajeto político que chega, mais uma vez, um exemplar da Revista Educação em Questão. Agora, em clima de crise. De crise mais acentuada. Mas, é um desafio. Vale, como nunca, a informação.

João Batista Cortez  
Editor Assistente